

## Do prólogo de sangue ao epílogo de bronze: a construção de um herói para Sergipe\*

Giliard da Silva Prado\*

**Resumo:** Este artigo tem por objetivo reconstituir a história da construção do monumento a Fausto Cardoso em Aracaju, analisando sob que condições se efetivou e quais os interesses subjacentes nessa construção. Após a morte de Fausto Cardoso teve início um amplo movimento de culto à sua memória, cujo ápice se assinala na inauguração do monumento, em 1912, na principal praça de Aracaju. A construção do monumento é resultado das ações coordenadas pelos seguidores de Fausto Cardoso que, em razão do assassinato de seu líder no desfecho da revolta contra o grupo olimpista, apresentam-no como o mártir e o herói da liberdade dos sergipanos, ao mesmo tempo em que se colocam como seus herdeiros políticos e, conseqüentemente, como membros do único grupo capaz de levar a efeito a liberdade pela qual ele havia morrido.

**Palavras-chave:** Monumento; Representações; Memória.

**Abstract:** This article's objective is to rebuild the history of the construction of the monument for Fausto Cardoso in Aracaju, analyzing under which conditions it was built and what are the monument's underlying interests for the construction. Ample cultural activity in his memory, followed Fausto Cardoso's death and this reached its peak upon the inauguration of the monument in 1912, in Aracaju's main square. The construction of the monument was the result of actions coordinated by Fausto Cardoso's followers, who because of their leader's assassination as a consequence of the revolt against the Olimpista group, presented him as a martyr and hero of the freedom of the Sergipanos (people from the state of Sergipe, the capital of which is Aracaju), at the same time as he placed them as his political heirs and consequently as members of the only group capable of carrying forward the freedom effect for which he had died.

**Keywords:** Monument; Representations; Memory.

### Introdução

Aracaju, 1912. Numa cerimônia que concentrou uma multidão na principal praça da cidade era inaugurado o monumento a Fausto Cardoso. Imortalizava-se no bronze a memória de um homem público de prestígio que, seis anos antes, nessa mesma praça, havia sido assassinado num trágico episódio que marcou o desfecho de um dos principais movimentos revoltosos da história de Sergipe.

---

\* Artigo elaborado a partir da monografia *A história gravada no bronze: o monumento a Fausto Cardoso* (São Cristóvão: UFS, 2006), que desenvolvi sob a orientação da Prof<sup>ta</sup> Dr<sup>a</sup>. Terezinha Oliva. Na elaboração deste artigo, contei com a leitura atenta e as valiosas sugestões de minha amiga Marcia Santos, a quem agradeço de forma especial.

\* Graduado em História pela UFS e mestrando em História Cultural pela UnB. [giliardprado@yahoo.com.br](mailto:giliardprado@yahoo.com.br)

A Revolta de Fausto Cardoso, como passou à História o movimento político de 1906, embora singular em alguns aspectos, inscreve-se no conjunto de rebeliões que contestaram o domínio de grupos oligárquicos e que foram frequentes em alguns Estados do Brasil durante a Primeira República.

Não se pretende, contudo, analisar aqui o processo político da Revolta de Fausto Cardoso, que já foi tema de vários estudos historiográficos. Busca-se apenas apresentar brevemente este movimento revoltoso, traçando, em linhas gerais, um cenário que torne compreensível o simbolismo empregado no monumento a Fausto Cardoso, bem como a relação existente entre o culto à sua memória e os principais acontecimentos da revolta de 1906.

A Revolta de Fausto Cardoso foi emblemática dos problemas provocados pela crescente oligarquização nos Estados. Em Sergipe, o controle da política era exercido desde 1899 pelo grupo oligárquico que tinha à sua frente o hábil Senador Olímpio Campos. O caráter fechado e os estreitos favorecimentos pessoais davam o tom da política praticada pelo Governo e, conseqüentemente, eram responsáveis pelo crescente descontentamento do grupo oposicionista que, excluído das benesses há sete anos, articulava-se cada vez mais em torno de seu intento de substituir a facção que detinha o poder.

O fortalecimento da oposição ocorreu durante a vitoriosa campanha política das eleições de 1906, ocasião em que conseguiu eleger seus candidatos a deputado federal e a senador. Para isso, muito contribuiu uma bem elaborada propaganda jornalística que sensibilizou a opinião pública ao atribuir unicamente às práticas oligárquicas do Governo o elevado índice de desemprego e a crise por que passava o Estado naquele momento<sup>1</sup>. Para os oposicionistas, uma nova configuração do poder em Sergipe parecia avizinhar-se com a vitória obtida nas eleições para a representação federal. Restava-lhes manter incessantes os ataques ao Governo. E isto foi feito. Através da imprensa, era intensificada a propaganda em torno daquele que fora escolhido para ser o grande símbolo da oposição – Fausto Cardoso.

Muitas foram as razões desta escolha. Fausto Cardoso era dono de um prestígio que ia além das fronteiras sergipanas. Tinha percorrido uma trajetória biográfica que lhe conferia notoriedade nos planos intelectual e político. Brilhante orador, jornalista, escritor, ele havia ocupado cargos públicos na Capital da República e exercido com destaque o mandato de deputado federal no triênio 1900-1902, ocasião em que lançara fortes críticas à política praticada pelo Monsenhor Olímpio Campos, Presidente do Estado de Sergipe na época. Eleito para o cargo de deputado federal nas eleições de 1906, Fausto Cardoso havia se tornado o

grande líder da oposição e era por ela apresentado como uma espécie de mito político, como o indivíduo capaz de libertar Sergipe do atraso e do conservadorismo atribuídos aos governistas. Numa metáfora empregada com muita propriedade, José Côrtes Duarte sintetiza bem o que foi a propaganda a favor do líder da oposição ao afirmar que: “Fausto assemelhava-se ao Messias anunciado pelos profetas políticos, vindo para curar todas as mazelas criadas pela incúria da administração pública, pela falta de justiça social, pela opressão da polícia”<sup>2</sup>.

Cresciam, desse modo, as expectativas dos opositoristas para assumir o controle da política estadual. Mas, quando e como ocorreria a derrubada do grupo no poder? Esse questionamento gravitava numa atmosfera repleta de tensão. Intensificavam-se os rumores de que a oposição articulava um golpe, visando a deposição do Governo. Muito se especulou até que Guilherme Campos, Presidente do Estado e irmão do Senador Olímpio Campos, fosse deposto através de um levante da polícia, em agosto de 1906. No entanto, os revoltosos mantiveram-se no poder teve por apenas 18 dias. As autoridades depostas conseguiram a intervenção do Governo Federal, que enviou tropas do exército para Sergipe. A operação militar da força interventora culminou com o assassinato de Fausto Cardoso, que assumira a liderança da revolta. Transcorridos pouco mais de dois meses do trágico acontecimento, os filhos de Fausto Cardoso, procurando vingar a morte do pai, assassinaram o Senador Olímpio Campos na Praça XV no Rio de Janeiro.

Deposição do Governo, intervenção de tropas do exército e mortes. Esses elementos deram cores vivas à revolta ocorrida em Sergipe. Dela resultaram as mortes de Fausto Cardoso e Olímpio Campos. Ambos foram assassinados, tiveram praças públicas como palcos de suas mortes, foram os atores sociais que protagonizaram um espetáculo verdadeiramente trágico. Observadas essas semelhanças, tudo o mais entre eles parece ter sido divergência. Em consequência principalmente da forma como aconteceram as mortes dos dois principais líderes políticos daquela época, tornaram-se ainda mais intensos os conflitos e ódios entre faustistas e olimpistas – denominações dadas aos seus respectivos partidários e seguidores. A sociedade sergipana ficara dividida.

Foi, portanto, no cenário deixado pela revolta de 1906 que teve início, entre os opositoristas, um amplo culto à memória de Fausto Cardoso. Muitos foram os meios empregados para homenagear o líder assassinado. Multiplicaram-se os seus retratos, sua efígie se fez presente em objetos de louça, broches, medalhas e gargantilhas, realizaram-se missas fúnebres e romarias ao seu túmulo, seu nome foi dado a ruas, praças e escolas. Duas homenagens bastante singulares permitiam ainda a seus correligionários e admiradores fumar

um “charuto Fausto Cardoso”<sup>3</sup> e cultivar a rosa “*Souvenir de Fausto Cardoso*”<sup>4</sup>. Contudo, não há aqui o interesse de examinar todas as práticas e representações envolvidas num culto que assumiu dimensões pouco comuns. O objetivo deste artigo é examinar sob que condições se efetivou e quais os interesses subjacentes na construção do monumento a Fausto Cardoso.

Nesta análise são, pois, levados em conta os usos que grupos concorrentes fazem da memória e também de seu reverso, ou seja, do esquecimento e do silêncio. No embate entre faustistas e olimpistas a escolha do que deve ser lembrado e igualmente do que deve ser esquecido é reveladora dos interesses dos diferentes grupos, da definição de identidades sociais e das relações de poder que marcam as batalhas da memória. Desse modo, o real não é aqui considerado como algo evidente, objetivo, que está fielmente expresso nos documentos por meio dos quais se acessa o passado, mas como algo que é contraditoriamente construído a partir das representações dos diversos grupos sociais.

Neste sentido, a grande diversidade de meios empregados no culto à memória de Fausto Cardoso não deve encorajar a interpretação de que ele tenha transcorrido de maneira pacífica, consensual. Ao contrário, o que se observou foi uma verdadeira batalha entre memórias concorrentes, já que o desfecho duplamente trágico da revolta tinha colocado em posições antagônicas e inconciliáveis os faustistas e os olimpistas. Considerando que, conforme destaca Peter Burke<sup>5</sup>, na constituição da memória social o estabelecimento do que é digno de memória e igualmente daquilo que deve ser esquecido varia de acordo com os interesses dos diferentes grupos e com o momento histórico, é perfeitamente compreensível que durante o período em que os olimpistas estiveram no poder as ações que visavam a preservação da memória de Fausto Cardoso tenham sido alvo de perseguição política.

Todas as manifestações públicas que denotavam apreço e contribuíam para dar visibilidade ao faustismo sofriam forte repressão dos olimpistas. Os portões do cemitério eram fechados para impedir que fossem depositadas flores no túmulo de Fausto Cardoso, os broches e gargantilhas que traziam o seu retrato eram arrancados das pessoas que os utilizavam, os espancamentos tornaram-se freqüentes. A violência do Governo era alvo das denúncias constantes da imprensa. Neste sentido é particularmente expressiva uma série de artigos em que o *Correio de Aracaju* tornava pública a onda de violência na capital e no interior, ao mesmo tempo em que pregava a “paz e a concórdia” entre os dois grupos rivais.

A repressão, o esforço ingente de impor o silêncio aos faustistas deu a tônica de todo o período em que os olimpistas estiveram no poder. Foi assim durante o Governo de Guilherme Campos (1905-1908), período em que, ainda muito excitados os ânimos em virtude do

desfecho da revolta, foram registrados os atos mais propriamente violentos como as agressões físicas. Ainda no calor dos acontecimentos de 1906, os principais líderes faustistas refugiaram-se fora do Estado com medo de represálias e o *Jornal de Sergipe*, que havia se tornado o órgão do faustismo, foi extinto. Ao final de seu mandato, Guilherme Campos indicaria um correligionário, fazendo-o seu sucessor. Mantinha-se forte o olimpismo. No Governo de Rodrigues Dória (1908-1911) já haviam cessado as práticas mais violentas, porém, ainda que de maneira velada, buscava-se suprimir dos faustistas o direito de cultuar a memória de seu líder.

Foi apenas no último trimestre de 1911 que, como parte integrante de um movimento de amplitude nacional – a “Política das Salvações”<sup>6</sup> – o General José Siqueira de Menezes chegou à presidência do Estado de Sergipe, pondo fim ao domínio do grupo olimpista que se estabelecera no poder desde 1899. Ligado ao Exército, o novo governante não tinha nenhum comprometimento com os interesses olimpistas. Com isso, cessaram as perseguições políticas aos faustistas que, a partir daí, puderam consagrar a memória de seu líder sem os obstáculos que lhes eram impostos até então. Estavam finalmente estabelecidas as condições que tornaram possível a construção do monumento a Fausto Cardoso.

### **A construção do monumento**

Já durante a campanha sucessória para a presidência do Estado, quando se sentiu que o domínio olimpista estava chegando ao fim, portanto antes mesmo da posse de Siqueira de Menezes, a idéia de erguer um monumento a Fausto Cardoso começou a se concretizar. No dia 23 de abril de 1911, um grupo de faustistas se reuniu no prédio da Associação Comercial para levar a efeito aquela que seria a maior homenagem prestada ao líder assassinado. Nessa reunião, constituiu-se a Comissão Promotora do Monumento, destinada a coordenar todas as ações necessárias para atingir o fim visado e à qual estava facultado o direito de nomear comissões parciais. Ficou decidido também que seriam abertas listas de donativos junto à população, como forma de arrecadar o valor necessário à construção do monumento. Essas listas de arrecadação foram distribuídas em diversos municípios de Sergipe e de outros Estados do Brasil. Estando traçadas as principais diretrizes, passou-se na reunião subsequente à distribuição dos cargos entre os membros da comissão central<sup>7</sup>.

Nos meses seguintes à reunião, as listas [Figura 1] com os valores arrecadados começavam a ser recebidas pelos membros da Comissão Promotora, os quais anotavam criteriosamente todas as informações: o número da lista, seu responsável, a data em que era

recebida e o valor arrecadado<sup>8</sup>. Ao serem encerradas, essas listas eram assinadas por Olegário Dantas (presidente) e Luiz Freire (1º secretário), que além das assinaturas deixavam anotações, no mínimo, curiosas. Às vezes, a pessoa a quem havia sido destinada a lista não procedia a arrecadação, devolvendo-a em branco. Diante de situações desse tipo, havia desde comentários taxativos como: “que padre ruim”, “estupidamente devolvida”, ou ainda, “devolvida por imprestabilidade do destinatário”, até aqueles que se revestiam de suave ironia como: “generoso cidadão”. Em contrapartida, quando a arrecadação era satisfatória afirmava-se que havia sido “brilhantemente encerrada com a quantia de (...)” ou então consignava-se um “voto de louvor”<sup>9</sup>.

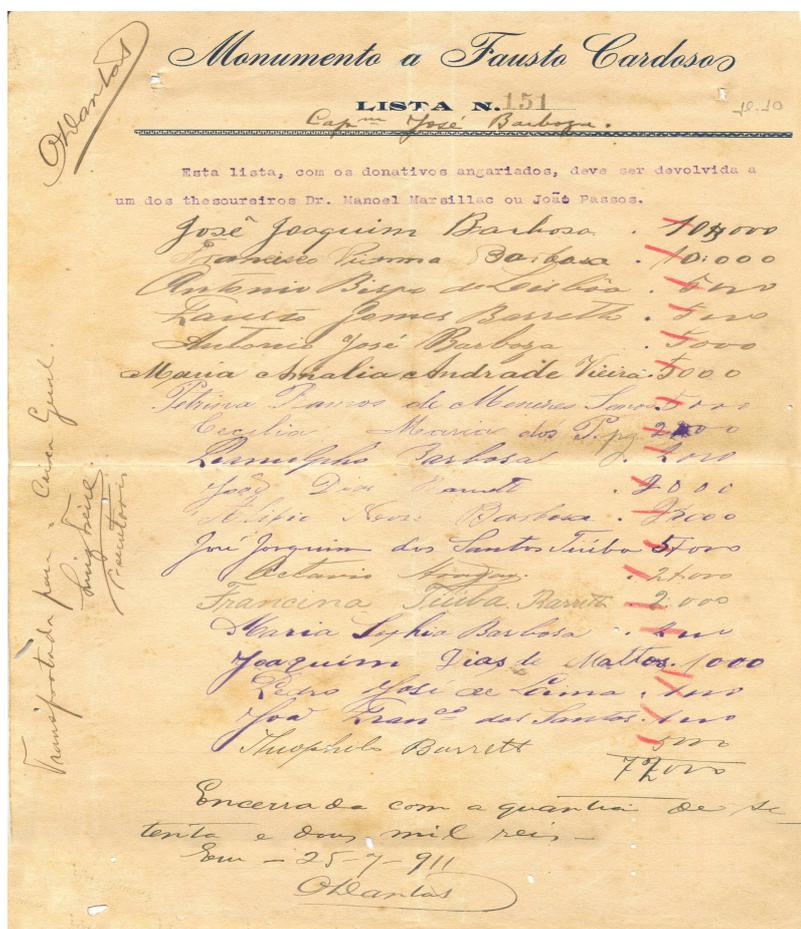


Figura 1: Lista de donativos

Acervo: Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (cx. 33, pac. 2)

A análise destas listas permite apreender o perfil do grupo de pessoas que, com suas doações, contribuíram para a construção do monumento. Essencialmente heterogêneo em sua composição, esse grupo era integrado por comerciantes, operários, padres, dentistas, advogados, farmacêuticos, professores, políticos etc. Além disso, um dado que impressiona é

o grande número de mulheres entre os contribuintes, visto que, num universo de um pouco mais de 3.000 assinaturas, quase 10% partiram de mãos femininas. Esses dados são ainda mais expressivos se considerarmos que a sociedade sergipana na época era acentuadamente patriarcal e hierarquizada. Também tiveram lugar nessas listas as assinaturas anônimas. “Uma admiradora faustista” e “um patrício do mártir venerado” foram algumas das várias formas com que contribuintes ocultaram seus nomes. O recurso ao anonimato torna plausível a interpretação de que essas pessoas talvez possuíssem algum tipo de ligação com o olimpismo, temendo, em função disso, sofrer as conseqüências advindas das reviravoltas próprias da política.

Os diversos segmentos sociais que integravam o grupo de contribuintes, a considerável participação feminina e o expediente do anonimato apontam para o fato de que a mobilização para a construção do monumento não se deu apenas entre os políticos que militavam nas hostes faustistas, tendo-se tornado, ao contrário, uma causa pela qual se empenhou uma coletividade bem mais ampla. Bastante significativas neste sentido foram as listas posteriormente destinadas a arrecadar fundos para as festas da inauguração. Enquanto as listas que objetivavam arrecadar dinheiro para a construção do monumento traziam, conforme foi visto, os nomes das pessoas que haviam colaborado, as listas para as festas da inauguração registravam os municípios de onde eram provenientes as contribuições. Desse modo, trazem à luz um dado relevante: dos 33 municípios existentes em Sergipe, em agosto de 1912, 21 contribuíram com as festas.

As contribuições provenientes da grande maioria dos municípios sergipanos e de alguns municípios de outros Estados do Brasil constituem-se numa evidência do prestígio popular que o nome de Fausto Cardoso havia alcançado. As arrecadações eram particularmente expressivas nos Estados onde havia numerosa colônia sergipana. Os “expatriados”, mesmo distantes da terra natal, julgavam legítima a causa e se empenhavam em demonstrá-lo. Ilustrativo disso é o trabalho que fora levado a efeito em Santos-SP. Ali, além das doações, a arrecadação proveio de uma sessão de cinema explicitamente destinada a conseguir fundos para a campanha. Em carta enviada à Comissão Promotora do Monumento, a comissão formada naquela cidade explicava o êxito obtido na arrecadação, afirmando que

*(...) foram distribuídas listas angariadoras a todos os seus membros e feitos apelos à distinta colônia sergipana aqui domiciliada, por intermédio do simpático órgão da imprensa desta terra “A Tribuna” que abraçou como sua a nossa causa. Contribuiu para o senão ótimo, porém feliz resultado*

*obtido, o bom acolhimento com que foi recebida a nossa idéia pelo patriótico povo desta hospitaleira cidade, em geral, e em particular pelos seus distintos filhos, pois que, com geral agrado seu não se negou a contribuir com seu valioso auxílio para o bom êxito obtido em um espetáculo cinematográfico efetuado no “Colyseu Santista” de propriedade do distinto e benemérito empresário Sr. F. Serrador que, gentilmente ofereceu um espetáculo em benefício a nossa grande obra. É que Fausto Cardoso não era só um sergipano ilustre, era um extraordinário homem mundial<sup>10</sup>.*

Assim, o culto a Fausto Cardoso lançou mão dos meios mais modernos que então havia. Em Aracaju, os proprietários do *Kinema Ideal*, que funcionava no *Teatro Carlos Gomes*, também ofereceram um espetáculo cinematográfico cuja renda foi destinada à construção do monumento. Mais do que atender à finalidade prática com que fora pensado, esse espetáculo cinematográfico, realizado em 11 de novembro de 1911, transformou-se num grande evento que se constituiu, por si só, numa homenagem ao notável sergipano. Naquela noite, o Teatro recebera caprichosa ornamentação e grande público. Antes de começar o espetáculo foi feita uma verdadeira apoteose a Fausto Cardoso, ocasião em que foram recitadas poesias que visavam a enaltecer a sua figura.

Foi, portanto, a partir das listas de donativos, dos juros de dinheiro em depósito e do valor arrecadado com esse espetáculo cinematográfico que se obteve a receita necessária à construção do monumento. Em novembro de 1911, decorridos apenas sete meses do lançamento das listas e sem qualquer tipo de ajuda financeira do Governo, a quantia arrecadada já era suficiente para pagar a estátua. Precisamente no dia 23 daquele mês, Ceciliano Vasconcellos, representante da Comissão Promotora em São Paulo, celebrava o contrato com o escultor Lorenzo Petrucci. Pelos termos desse contrato, o valor de 25.500\$000 (vinte e cinco contos e quinhentos mil réis) a ser pago pela estátua seria quitado em quatro parcelas. No começo de 1912, Olegário Dantas, presidente da comissão, viajaria a São Paulo e aprovaria o modelo previamente avaliado por Ceciliano Vasconcellos que, em telegrama destinado à comissão, afirmava ser a estátua “rigorosamente fiel à fisionomia de Fausto”<sup>11</sup>. Apesar de Epifânio Dória ter afirmado em suas *Efemérides Sergipanas* que foi de Olegário Dantas a idéia de erigir um monumento a Fausto Cardoso, a documentação consultada não permite saber se foi dele também o projeto que definiu a forma com que Fausto Cardoso seria representado na estátua.

A avaliação positiva do modelo era um indício de que tinha sido feliz a escolha do artista a quem foi confiada a estátua. Um dos expoentes no cenário artístico da *Belle Époque*

paulistana, o escultor italiano Lorenzo Petrucci<sup>12</sup> havia se destacado em duas grandes exposições coletivas realizadas em São Paulo: a Exposição de Belas Artes e Artes Industriais (1902) e a Exposição Brasileira de Belas Artes (1911). O trabalho realizado pelo escultor, que veio a Sergipe dirigir a montagem do monumento e aguardou a sua inauguração, mereceu da imprensa o reconhecimento de que fizera “obra de inexcedível valor”<sup>13</sup> e em virtude da “perfeição de seu trabalho”<sup>14</sup> recebeu da Comissão Promotora uma menção honrosa na sua última ata de reunião.

Contudo, para que a Comissão Promotora obtivesse êxito em seu projeto era preciso bem mais do que apenas arrecadar dinheiro e contratar um escultor. Tanto é assim que a escolha do local a ser erguido o monumento deve ser vista como uma de suas principais medidas. Já em junho de 1911, ela encaminhava a Napoleão de Carvalho, Intendente do município de Aracaju, o seguinte requerimento:

*A Comissão Promotora do Monumento a Fausto Cardoso entendendo que nenhum lugar é mais próprio para a colocação da estátua do grande mártir das liberdades sergipanas como aquele onde ele teve morte heróica requer a V. Exa. a devida licença para que a referida estátua seja erigida no centro da Praça Benjamim Constant (antiga do Palácio)15.*

Ainda no primeiro semestre de 1912, Napoleão de Carvalho sancionaria uma lei mudando o nome da praça, que passou a se chamar “Praça Fausto Cardoso”. Precisamente no dia 17 de abril daquele ano, foram colocadas as novas placas indicativas e conjuntamente inaugurada a praça que recebera nova denominação<sup>16</sup>.

A localização da praça Fausto Cardoso era estratégica, pois se constituía no local das práticas de cidadania: festas, procissões, comícios, passeatas etc. Ela abrigava os principais prédios públicos da cidade, sendo o local por excelência das concentrações cívicas. Colocada a estátua no centro da praça, com a frente voltada para o Rio Sergipe, é como se Fausto Cardoso recepcionasse aqueles que desembarcavam na cidade pela Ponte do Imperador, fazendo-lhes lembrar dos acontecimentos de 1906. Pois, mais do que um privilegiado espaço de sociabilidade, a praça era também o local onde Fausto Cardoso tombou, abatido pela violência da intervenção que derrotou os faustistas. Vê-se então que “no ambiente urbano o local nunca é aleatório ou casual, pois o espaço não se apresenta como um elemento natural ou físico, mas sobretudo como um produto social, resultado histórico das disputas em torno da significação do território... e disputas de poder na sociedade”<sup>17</sup>. Assim, por comportar os

aspectos material, simbólico e funcional, essa praça, do mesmo modo que o monumento, torna-se um lugar de memória, posto que “a imaginação o investe de uma aura simbólica”<sup>18</sup>.

À medida que se aproximava a inauguração do monumento ou, conforme denominava a imprensa, a “ressurreição de Fausto”, três importantes cerimônias alteravam a rotina da cidade de Aracaju. A primeira delas ocorreu no dia 15 de agosto de 1912 e consistiu na transladação dos restos mortais de Fausto Cardoso e Nicolau Nascimento<sup>19</sup> do Cemitério Santa Izabel para a base do monumento. No cortejo apoteótico, que tinha à sua frente a banda de música da polícia executando marchas fúnebres, “os ossos foram transportados em urnas de madeira envernizadas, sobre charola coberta com a Bandeira Nacional e conduzida por senhoritas”<sup>20</sup>. No dia 28, data do sexto aniversário do assassinato de Fausto Cardoso, teve lugar a segunda cerimônia. Nessa ocasião foi colocada a estátua sobre o pedestal do monumento, que “foi todo ornamentado de festões e bandeiras e durante todo o dia muitas senhoras e até crianças depositaram flores e coroas no sopé do mesmo”<sup>21</sup>. A terceira cerimônia aconteceu com a chegada da família de Fausto Cardoso a Aracaju, em 04 de setembro de 1912. Na Ponte do Imperador, o desembarque de Pastora Cardoso, viúva de Fausto, e de seus filhos<sup>22</sup>, o deputado Armando Cardoso e a senhorita Mercedes Cardoso, foi marcado por uma calorosa recepção, onde se fizeram ouvir girândolas de foguetes. Todas essas cerimônias, que contavam com banda de música, foguetes, flores, discursos e com o fechamento do comércio a pedido da Comissão Promotora, atuaram como indícios de que se preparava uma imponente festa para o dia da inauguração.

Também o aparelhamento urbanístico da cidade ia sofrendo os reparos que há muito demandava e que, em virtude da tão esperada festa, tornavam-se ainda mais urgentes. A Ponte do Imperador, uma espécie de porta de entrada da cidade de Aracaju na época, a Praça Fausto Cardoso e suas ruas adjacentes foram os alvos das intervenções feitas pelo poder público, que se ocupou principalmente de problemas relacionados ao calçamento e à iluminação. Com vistas a solucionar este último aspecto do problema é que “em torno da estátua que será inaugurada a 8 do corrente foram colocados por ordem do dr. Napoleão de Carvalho, intendente Municipal, mais quatro postes de ferro com bonitos lampiões, providos de bicos duplos para iluminação a acetileno”<sup>23</sup>. Essas reformas pelas quais passou o centro da cidade demonstram que, apesar de o monumento ter sido uma obra financiada unicamente pela população, o apoio do Governo era de fundamental importância para assegurar o êxito das homenagens que seriam prestadas à memória de Fausto Cardoso.

Aos poucos, estavam sendo acertados os últimos preparativos para a festa da inauguração do monumento. Em torno da estátua eram construídos pavilhões destinados às autoridades, à família de Fausto Cardoso, à Comissão Promotora, aos oradores, à imprensa e às mulheres. A praça recebia cuidadosa ornamentação e tanto ela quanto os edifícios públicos que a cercavam eram fartamente iluminados. O ambiente beirava o feérico. A programação estava definida. De forma didática, os atos solenes e as atrações que comporiam a festa eram divulgados nas colunas dos jornais. Restava apenas aguardar o grande momento.

### A “ressurreição” através do bronze: a inauguração do monumento

Eis que em 8 de setembro de 1912 pôs-se um fim a essa espera. Nessa data teve lugar a inauguração do monumento ou, como preferia a imprensa, a “ressurreição de Fausto Cardoso”. O amanhecer do dia foi anunciado pela alvorada com a banda de música da polícia militar tocando junto à estátua. Às 11 horas, a Comissão Promotora convidou o presidente do Estado e o intendente de Aracaju para descerrarem a cortina que velava o monumento, ao passo que foi executado o Hino Nacional. Logo após, Gumersindo Bessa proferiu o seu discurso na condição de orador oficial do evento, no que foi seguido pelos demais oradores que assomaram à tribuna<sup>24</sup>. À noite, as quermesses, a fonte luminosa e um espetáculo cinematográfico exibido pelo *Elite Cinema*, em plena praça pública, completaram o brilhantismo da cerimônia.



Figura 2: Praça Fausto Cardoso no dia da inauguração do monumento  
Acervo: Memorial de Sergipe

Na imagem acima [Figura 2], é possível notar que nem mesmo o dia chuvoso dispersou as pessoas, todas elegantemente trajadas para a ocasião. Vêm-se em torno do monumento os pavilhões preparados pela Comissão Promotora. Esses pavilhões, a fonte luminosa, o cinema ao ar livre e os demais elementos que compuseram o ambiente preparado para a festa destoavam do restante da paisagem urbana que, mesmo na principal praça da cidade, ainda era carente de diversos melhoramentos. Considerando-se que a cidade de Aracaju ainda não possuía uma estrada de ferro concluída, nem mesmo energia elétrica, o monumento desponta, em 1912, como o principal artefato da sua modernidade.

A vivacidade e brilhantismo da festa contrastavam também com o cenário de cores fúnebres evocado pelos oradores da cerimônia, ou seja, com a revolta que resultou na morte daquele que ressurgia agora no bronze. As representações contidas em seus discursos eram construídas a partir de uma leitura dos principais acontecimentos do movimento político de 1906. Na morte de Fausto Cardoso, que tingiu com seu sangue a principal praça de Aracaju, estava, portanto, a matéria-prima para a construção de sua imagem póstuma.

Três episódios de 1906, que constituíam a matriz discursiva dos artigos de jornais destinados a homenagear Fausto Cardoso após a sua morte, também são os mais evocados no conjunto de poesias e discursos que o enaltecera durante a cerimônia de inauguração do monumento. O primeiro desses episódios é a grandiosa recepção que fora preparada para a sua chegada em Sergipe no dia 1º de agosto. Os discursos dão a ver que Fausto Cardoso era naquele momento uma espécie de “Messias” da política, que tinha chegado para curar as mazelas por que passava o Estado e instaurar, por conseguinte, uma nova fase. É isto que se depreende da narrativa que segue, quando se afirma que Fausto:

*... corria em busca dos desesperados, trazendo na destra, desfraldada e tremulante a bandeira da nossa liberdade, no coração o bálsamo consolador das nossas almas e nos lábios o látigo de fogo que havia de aterrar para sempre os degenerados da época*<sup>25</sup>.

O segundo episódio freqüentemente evocado é o “juramento da paz”, proferido por Fausto Cardoso no dia 10 de agosto, quando, após a tomada do Palácio, ele foi chamado pelos olimpistas para conter os ânimos dos revoltosos. De acordo com os relatos, Fausto Cardoso estendeu a mão sobre a cabeça do povo que, palavra por palavra, repetia o seguinte juramento:

*Juro que não praticarei ato algum violento, nem consentirei que alguém o pratique. Juro que respeitarei a vida e a pessoa dos meus adversários, defendendo-os como coisas sagradas, castigando a quem os ofender, por*

*que é de paz a nossa missão e para a tolerância e o perdão a nossa vitória*<sup>26</sup>.

O teor desse juramento é quase sempre utilizado para mostrar em Fausto Cardoso um homem virtuoso, que pautou sua ação no respeito aos governantes depostos, que, por sua vez, são apontados, ainda que indiretamente, como os responsáveis pelo seu assassinato. Os guardiões da memória de Fausto Cardoso buscavam demonstrar que o zelo que ele teve pela vida dos adversários não foi recíproco, uma vez que “o decreto de reposição da oligarquia foi a sentença de morte do libertador de Sergipe, imprecada por aqueles que ele salvara”<sup>27</sup>.

O terceiro episódio é a caminhada de Fausto Cardoso para a morte, no dia 28 de agosto. Os lances finais de sua vida são narrados com riquezas de detalhes: o diálogo com o general Firmino Rego – em que, vendo que não conseguia demovê-lo de seu intento de repor o governo olimpista, Fausto Cardoso decide protestar contra a reposição, afirmando que, se preciso fosse, “ia morrer defendendo a honra de sua terra”<sup>28</sup> –; a sua entrada no Palácio; o momento em que, oferecendo o peito à bala, afrontou a tropa do Exército e o brinde erguido “à alma de Sergipe”<sup>29</sup>, antes de exalar o último suspiro. Nada disso pareceu escapar à leitura que se fez da revolta.

A forma como se deu a morte de Fausto Cardoso é o aspecto mais explorado nos discursos. Aludindo à frase em que o literato francês Vitor Hugo afirma que “felizes, entre todos, aqueles cuja morte é bela”, o redator do jornal *O Estado de Sergipe* comentava

*E se bem morrer é, do modo pelo qual ele mesmo o definiu; como Cristo pela virtude, Sócrates pela razão e Leônidas pela Pátria, quem pode negar que Fausto teve uma morte bela, sacrificando-se pelo que dizia convictamente – liberdade e grandeza dos sergipanos*<sup>30</sup>.

Em linhas gerais, a morte de Fausto Cardoso emerge desses discursos como singular, grandiosa, sublime, como resultado de seu voluntário sacrifício em nome de um ideal. Assim, apesar dele ter sido considerado grande orador, filósofo, jurista, parlamentar, as qualidades intelectuais comumente referenciadas nos discursos aparecem sempre em segundo plano, ou seja, a morte do mártir sobrepôs-se à vida do “gênio”. Com muita propriedade, Gumersindo Bessa assinalou que o monumento não foi consagrado ao intelectual,

*mas ao herói, ao homem abnegadamente generoso, leoninamente valente, para quem o sacrifício era uma volúpia, que, tendo consumado uma revolução incruenta, e vendo-a soçobrar preferiu submergir-se com ela a salvá-la a preço do sangue alheio ou de uma vilania própria*<sup>31</sup>.

O que prevalece, portanto, são os elementos indicadores do heroísmo de Fausto Cardoso, como se depreende do artigo em que um certo Braz Cubas lembrava a morte de Fausto, no seu primeiro aniversário. Segundo o articulista, Fausto Cardoso, com o seu próprio sacrifício, dera um exemplo “inexcedível de amor ao solo pátrio, de civismo, de abnegação e de bravura, que relembram as criações fantásticas de Dante ou os feitos bravos dos personagens homéricos”<sup>32</sup>.

Ao lado dos personagens homéricos, outros nomes foram tirados das páginas da História para que fossem construídas algumas significações em torno da imagem de Fausto Cardoso. Compararam-no a Demóstenes para evidenciar sua habilidade como orador, a Espartacos para destacar sua luta pela liberdade, aos soldados espartanos para significar a sua disciplina e coragem. Mas ele também foi lembrado como uma águia para caracterizar os altos vôos de seu intelecto. Isto para citar apenas alguns exemplos. Assim, ao empregarem essas alegorias os autores dos discursos faziam amplo uso de “esquemas”<sup>33</sup>, que consistem na tentativa de representar uma pessoa recorrendo-se à imagem de outra, por apresentarem pontos semelhantes, estando essa outra presente no imaginário coletivo, de modo a facilitar o entendimento dos significados que se buscou construir.

Contudo, a retórica empregada em discursos, sempre permeados por expressões latinas e por alegorias com heróis antigos, tinha um alcance restrito aos homens de letras. Em função disso, os faustistas lançaram mão de outros recursos para que as representações que iam sendo construídas alcançassem a todos, para que fossem capazes de atingir o imaginário social. Uma das medidas mais eficazes neste sentido foi a tentativa de significar o martírio de Fausto Cardoso através de comparações com Cristo. Dizia-se, por exemplo, que “A bravura de Cristo transformou-o em Deus; a bravura de Fausto transfigurou-o em herói”<sup>34</sup>. Este paralelo chegou mais longe, identificando-se uma via *crucis* em comum:

*Cristo marchou de Pilatos ao Calvário, como ele [Fausto Cardoso] seguiu de Firmino Rego [general que executou o decreto de reposição do governo olimpista] à praça publica... Pilatos fugiu de assistir a morte do Inocente... Firmino Rego assistiu a execução do herói... o remorso do primeiro atirou-o ao desespero e a vigília; o segundo não teve remorso, a tranqüilidade, deste, levou-o ao sossego bendito do sono*<sup>35</sup>.

A trajetória de Fausto Cardoso é apresentada, portanto, como uma espécie de reencenação do caminho percorrido por Cristo. O uso deste expediente foi importante para atingir a alma popular, levando-se em conta que a sociedade sergipana tinha na religiosidade cristã um dos principais componentes de seu repertório cultural.

No entanto, considerando que “toda imagem comporta uma mensagem discursiva”<sup>36</sup>, o discurso mais eloqüente foi aquele contido no monumento. Seu alcance também foi o maior. Não ficou restrito àqueles que presenciaram a cerimônia de inauguração e ao pequeno público leitor de jornais. Estava na principal praça de Aracaju para ser visto por todos aqueles que por ali passassem e, não bastasse isso, ficaria ainda à disposição dos olhares das gerações futuras.

Com o monumento [Figura 3] assinalava-se, portanto, o ápice das ações perpetuadoras da memória de Fausto Cardoso. Das páginas dos jornais, foi possível obter uma cuidadosa descrição do monumento:

*Consta de degraus octogonais, base redonda com quatro corpos avançados e seguidos de uma moldura entalhada em granito polido; repousando sobre a moldura um toro de bronze modelado em folhas de louro e quatro medalhões ornamentais; surgindo daí a coluna ligada ao meio por uma faixa de louro em bronze, sendo o capitel formado de ramagens brônzeas que coroam a coluna e completam o friso octogonal, tendo em quatro das faces tarjas de bronze. Sobre tudo isso fica a estatua de bronze de FAUSTO CARDOSO<sup>37</sup>.*



Figura 3: Monumento a Fausto Cardoso (Aracaju, s.d.)  
Acervo: A. Gentil

Na estátua, Fausto Cardoso está representado no gesto com que enfrentou o Exército, afastando o fraque e oferecendo o peito à bala. Um tanto poeticamente, afirmou-se que ele estava representado “naquela mesma atitude heróica, de chapéu alçado, num gesto de redentor, e uma das mãos sobre o peito, onde sentia palpitar um coração abnegado e amante”<sup>38</sup>. Vê-se que o monumento tem em comum com os demais discursos o fato de que

também remete à revolta de 1906, gravando no bronze a sua história. No entanto, mais do que os discursos textuais, o discurso imagético facilita a recepção dos significados de que é portador, oferece-se à leitura a partir de uma linguagem que pode ser mais facilmente decifrada e que, por ser dotada de alto poder mobilizador, reveste-se de maior eficácia no seu intento de atingir o imaginário social.

Esse poder persuasivo da imagem é posto em evidência por Olegário Dantas ao afirmar em seu discurso que se tinha através do monumento “a história do nosso mais insigne herói e mártir, recontada singelamente, numa linguagem que o coração compreende, porque resume, condensa as impressões indefiníveis que ora agitam, tumultuam, comovem a alma do povo”<sup>39</sup>. Também sobre o forte apelo da imagem e ainda sobre a função do monumento refere-se este outro artigo de jornal, ao afirmar que “essa estátua, será mais que um exemplo doravante, será livro que o povo habituar-se-á a ler todos os dias com os olhos d’alma, e em cujas páginas beberá com sofreguidão e confiança lições de independência e patriotismo”<sup>40</sup>.

Contudo, do mesmo modo que ocorre com o discurso textual, a apropriação do discurso imagético também pode não corresponder às intenções que lhe foram conferidas pelo autor, ou seja, a leitura desse discurso “pode levar à formulação de significados bem distantes daqueles almejados ou previstos”<sup>41</sup>. Desse modo, assumem grande importância as inscrições do monumento, que instruem o observador sobre a forma como ele deve ser interpretado. No monumento a Fausto Cardoso há no capitel duas tarjas de bronze onde estão gravadas a sua data de nascimento, “DEZEMBRO - 22 - 1864” e sua data de morte, “AGOSTO - 28 - 1906”. Na parte da frente da coluna constam as seguintes inscrições: “A FAUSTO CARDOSO – O POVO”, que dá a ver que o monumento não foi obra governamental, mas sim que lhe foi oferecido pelo povo; e “VOU MORRER DEFENDENDO A HONRA DE MINHA TERRA”, inscrição que alude à frase por ele proferida quando partiu para protestar contra a reposição da oligarquia e que busca mostrar que no monumento estava representado um indivíduo que havia se sacrificado por Sergipe. Na parte de trás da coluna lêem-se as seguintes inscrições: “AO HERÓICO POPULAR NICOLAU NASCIMENTO”, numa homenagem prestada àquele que fora vitimado junto com Fausto Cardoso no desfecho da revolta; e “A LIBERDADE SÓ SE PREPARA NA HISTÓRIA COM O CIMENTO DO TEMPO E O SANGUE DOS HOMENS – FAUSTO CARDOSO”, trecho retirado de um discurso de Fausto Cardoso e bastante significativo, pois parece antever a própria história daquele que, conforme se buscou mostrar, tinha derramado seu sangue em defesa da liberdade dos sergipanos.

No monumento, que consagra a ação política do homem público, está gravada uma outra história da revolta de 1906. Ali, Fausto Cardoso não é representado como o indivíduo que fora derrotado no desfecho daquele movimento político. Ao contrário, o bronze materializa o herói, o mártir de atitude desafiadora, que não havia morrido como vítima, mas como líder cívico que agora ressurgia em atitude de vencedor, dando a ver que não fora em vão a sua luta, como também não o seria a luta daqueles que, como ele, sonhassem com o ideal de liberdade.

### **Considerações Finais**

O culto a Fausto Cardoso foi marcado pela existência de conflitos. As mortes que aconteceram em decorrência da revolta de 1906 deram lugar, conforme foi visto, a uma verdadeira batalha no campo da memória, em que se tinha, de um lado, a luta dos faustistas pelo direito à lembrança e, de outro lado, a repressão exercida pelos olimpistas numa tentativa de impor o silêncio. Considerando-se que, em casos como este, o grupo que detém o poder faz com que prevaleçam os seus interesses, o fim do predomínio político do grupo olimpista, em 1911, foi a condição *sine qua non* para que se erguesse o monumento a Fausto Cardoso.

A mobilização para a construção desse monumento resultou, sem dúvida, das criteriosas ações coordenadas pelos faustistas; entretanto ela não deve ser entendida como obra de um partido ou grupo político. Os donativos provenientes da maior parte dos municípios sergipanos e até mesmo vindos de outros Estados do Brasil e ainda o perfil heterogêneo do grupo de contribuintes constituem-se numa evidência de que a população reconhecia como legítima a idéia de erguer um monumento a Fausto Cardoso.

Esse reconhecimento popular também foi fundamental no plano das construções simbólicas, uma vez que não se pode avaliar a construção de uma imagem heróica em torno da figura de Fausto Cardoso apenas pelo poder de persuasão contido nos discursos dos faustistas, ou como resultado de uma eficaz ideologia mobilizadora, pois ao considerarmos que “heróis são símbolos poderosos, encarnações de idéias e aspirações, pontos de referência, fulcros de identidade coletiva”<sup>42</sup>, devemos pensar também na forma como são apropriadas as significações. Isto significa dizer que se Fausto Cardoso não fosse, aos olhos da população, o arquétipo de determinadas aspirações coletivas, a tentativa de mostrá-lo como herói certamente teria falhado. Vê-se assim que “por ser parte real, parte construído, por ser fruto de um processo de elaboração coletiva, o herói nos diz menos sobre si mesmo do que sobre a sociedade que o produz”<sup>43</sup>.

Na construção da imagem póstuma de Fausto Cardoso, a coragem, o civismo e a abnegação de seus gestos heróicos nos momentos dramáticos da revolta de 1906 constituíram o teor dos discursos que visavam a enaltecer a sua figura. Nesse culto estava subjacente um projeto político dos faustistas que, derrotados em 1906 pela força das armas, procuraram, através da glorificação de seu líder, assinalar uma vitória simbólica sobre o olimpismo. Esses faustistas colocavam-se como os herdeiros políticos de Fausto Cardoso e, portanto, como os membros do grupo capaz de levar a efeito a liberdade pela qual ele havia morrido. Por tudo isso, imortalizou-se no bronze a imagem do herói.

---

#### NOTAS

<sup>1</sup> Sobre a situação sócio-econômica de Sergipe em 1906, confira: SOUZA, Terezinha Oliva de. *Impasses do federalismo brasileiro: Sergipe e a revolta de Fausto Cardoso*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

<sup>2</sup> DUARTE, José Côrtes. *A tragédia de Sergipe e outras narrativas*. Belo Horizonte: Lemi, 1979, p. 11.

<sup>3</sup> A fábrica de Cupertino Xavier de Mello, em propaganda veiculada nos jornais, chama a atenção de seus clientes para três novas marcas de charutos em caixas, dentre as quais consta o charuto Fausto Cardoso. Confira: *Diário da Manhã*. Fábrica de Charutos. Aracaju, 01/08/1912, p. 3.

<sup>4</sup> Esta rosa foi uma homenagem prestada a Fausto Cardoso pelo rodólogo sergipano Joaquim Martins Fontes. Para detalhes sobre a hibridação a partir da qual foi obtida e sobre suas características, confira: FONTES, Emília de Marsillac (Org.). *Joaquim Fontes – o jardineiro e as rosas do Brasil*. São Paulo: São Paulo Editora, 1941.

<sup>5</sup> BURKE, Peter. História como memória social. In: *Variedades de história cultural*. Trad. Alda Porto. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

<sup>6</sup> A Política das Salvações foi implementada pelo presidente da República Hermes da Fonseca (1910-1914) e recebeu este nome porque consistiu num processo de intervenções militares que pretendia “salvar” o país do domínio oligárquico. Em Sergipe, porém, não houve intervenção. Siqueira de Menezes elegeu-se na condição de candidato único, indicado por Hermes da Fonseca. A esse respeito, veja: DANTAS, José Ibarê C. *História de Sergipe: República (1889-2000)*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2004, p. 35.

<sup>7</sup> A disposição dos cargos ficou assim estabelecida: Olegário Dantas (presidente), Jesuíno José Gomes (vice-presidente), Luiz Freire (1º secretário), Carlos Alberto Rolla (2º secretário), Manoel de Marsillac Mota e João Canuto dos Passos (tesoureiros).

<sup>8</sup> Registro das listas recebidas, IHGS, cx. 33, pacotilha 6.

<sup>9</sup> Listas de donativos, IHGS, cx. 33, pacotilhas 1, 2, 3 e 4.

<sup>10</sup> Carta recebida pela Comissão Promotora do Monumento a Fausto Cardoso. IHGS, cx. 33, pacotilha 4.

<sup>11</sup> Telegrama recebido pela Comissão, IHGS, cx. 33, pacotilha 4.

<sup>12</sup> Dentre as obras importantes desse escultor, destacam-se os dois monumentos a Anita Garibaldi: um localizado em Sorocaba-SP (1911) e outro em Belo Horizonte-MG (1913). Em Aracaju, Lorenzo Petrucci esculpiu o obelisco a Inácio Barbosa, em 1917, e o monumento a Tobias Barreto, em 1920. Este último, já destruído em parte.

<sup>13</sup> *Diário da Manhã*. Lorenzo Petrucci. Aracaju, 12/09/1912, p. 1.

<sup>14</sup> Livro de Atas da Comissão Promotora, IHGS, cx. 33, pacotilha 5.

<sup>15</sup> Requerimento ao Intendente de Aracaju, IHGS, cx. 33, pacotilha 8.

<sup>16</sup> *Correio de Aracaju*. Praça Dr. Fausto Cardoso. Aracaju, 19/04/1912, p. 1.

<sup>17</sup> LEAL, Elisabete. *Representando a história em praça pública: os monumentos a Benjamin Constant e a Julio de Castilhos*. Anais eletrônicos do XXII Simpósio Nacional de História, João Pessoa, ANPUH - PB, 2003, p. 5, (Cd-rom).

- 
- <sup>18</sup> NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Trad. de Aun Khoury. In: *Projeto História*. São Paulo, PUC, vol. 10, p. 21, dez/1993.
- <sup>19</sup> Popular morto no desfecho da Revolta Fausto Cardoso.
- <sup>20</sup> *O Estado de Sergipe*. Fausto Cardoso. Aracaju, 16/08/1912, p. 1.
- <sup>21</sup> *Diário da Manhã*. Fausto Cardoso. Aracaju, 29/08/1912, p. 1.
- <sup>22</sup> O outro filho de Fausto, Humberto Cardoso, não foi a Sergipe participar da inauguração do monumento.
- <sup>23</sup> *Diário da Manhã*. Fausto Cardoso. Aracaju, 04/09/1912, p. 1.
- <sup>24</sup> Foram oradores: Olegário Dantas, João Esteves, Arthur Fortes, Pedro Barreto de Andrade, Ulysses Sampaio, Carlota Salles, Clodomir Silva, Horácio Hora, Guiomar Silva e Armando Cardoso.
- <sup>25</sup> CARDOSO, Joaquim Maurício. *Diário da Manhã*. Fausto Cardoso. Aracaju, 27/08/1911, p. 2.
- <sup>26</sup> *Diário da Manhã*. Monumento a Fausto Cardoso. Aracaju, 15/09/1912, p. 1.
- <sup>27</sup> *Ibid.*
- <sup>28</sup> *Ibid.*
- <sup>29</sup> As narrativas sobre a revolta dão conta de que Fausto Cardoso ainda agonizante, depois de ter sido alvejado, pediu água e ao bebê-la ergueu um brinde no qual teria dito “bebo à alma de Sergipe”. Essa última frase de efeito com que encerrou sua vida serviu de inspiração à poesia “Beber à alma”, recitada por Carlota Salles no dia em que se inaugurou o monumento.
- <sup>30</sup> *O Estado de Sergipe*. Homenagem do Estado de Sergipe a Fausto Cardoso. Aracaju, 08/09/1912, p.1.
- <sup>31</sup> *Diário da Manhã*. A inauguração do monumento a Fausto Cardoso. Aracaju, 10/09/1912, p. 1.
- <sup>32</sup> CUBAS, Braz. *Correio de Aracaju*. Fausto Cardoso. Aracaju, 01/09/1907, p. 2.
- <sup>33</sup> Para o conceito de “esquema” ver: BURKE, Peter. *Op. cit.*, p. 77.
- <sup>34</sup> *Correio de Aracaju*. Fausto Cardoso. Aracaju, 28/08/1910, p. 1.
- <sup>35</sup> *Correio de Aracaju*. Fausto Cardoso. Aracaju, 28/08/1907, p. 1.
- <sup>36</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e história cultural*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004, p. 86.
- <sup>37</sup> *Diário da Manhã*. A inauguração do monumento a Fausto Cardoso. Aracaju, 10/09/1912, p. 1. Em sua edição de 23/07/1912 (p. 2) esse jornal afirmara que o monumento “mede 8,30 m de altura e pesa 41 toneladas”.
- <sup>38</sup> *O Estado de Sergipe*. Homenagem do Estado de Sergipe a Fausto Cardoso. Aracaju, 08/09/1912, p. 1.
- <sup>39</sup> *Diário da Manhã*. Monumento a Fausto Cardoso. Aracaju, 15/09/1912, p. 1.
- <sup>40</sup> *Correio de Aracaju*. Fausto Cardoso. Aracaju, 08/09/1912, p. 1.
- <sup>41</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. *op. cit.* p. 60.
- <sup>42</sup> CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 55.
- <sup>43</sup> *Ibid.* p. 14.